

De ruas e circuitos

REVOLUÇÃO CONECTADA

As redes sociais são apontadas como o grande fator dos movimentos que ocorreram neste último ano; mas será que elas realmente desempenharam este papel central?

Por Rute Pina,
Camilla Dourado
e Bárbara Vidal

“**C**ulpe a era em que vivemos, não me culpe”, diz Mohamed Bouazizi em um trecho da mensagem de despedida que enviou a sua mãe via **Facebook**. O tunisiano de apenas 26 anos tinha diploma universitário, mas nenhuma expectativa para o futuro. Para driblar a dificuldade financeira pela qual sua família passava, vendia frutas e legumes nas ruas da cidade de Sidi Bouzid. Quando policiais confiscaram seu instrumento de trabalho e o humilharam, o jovem ateou fogo ao próprio corpo em forma de protesto contra o desemprego e a miséria que assolava a maioria da população da Tunísia.

O gesto, como uma faísca em um barril pólvora, culminou em uma explosão de manifestações pelo país, dando início à Primavera Árabe e fim à ditadura de Ben Ali. Porém não foi a mensagem de Mohamed no **Facebook** e nem as outras tantas posteriores solidárias a sua causa que mobilizaram as pessoas para os protestos na Tunísia nos fins de 2010. Isso se deveu à indignação e às péssimas condições as quais uma população marginalizada era submetida. Mas há de se destacar um papel curioso que essas novas formas de comunicação desempenharam nos movimentos que aconteceram por todo o mundo em 2011.

De acordo com uma pesquisa feita pela Universidade de Washington, que analisou mais de três milhões de postagens do **Twitter**, as mídias sociais exerceram um papel central nos movimentos populares neste ano, que foram precedidos por picos de tuítes e de diálogos on-line. O chefe do estudo, o professor Philip Howard, disse em entrevista à **Folha de S. Paulo** que “a velocidade (de comunicação viabilizada pela rede) foi importante porque os ativistas conseguiram pegar os ditadores desprevenidos”.

Jorge Alberto Silva Machado, professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), partilha dessa opinião. Em entrevista ao **Contraponto**, ele disse acreditar que, embora a Internet não seja a causa primária desses movimentos, ela é um importante instrumento para potencializá-los. Para ele, além da velocidade, a capacidade de pulverizar o monopólio da informação e ser uma tecnologia barata são outras características fundamentais deste tipo de comunicação que ajudaram os manifestantes a divulgar suas ideias.

Ideias que chegaram longe e vieram parar no Brasil, por exemplo. As charges do cartunista brasileiro Carlos Latuff, que ilustraram muitas das manifestações no Egito, são provas da integração e intercâmbio de ideias e materiais possibilitados pela rede. Latuff atendia aos pedidos que chegavam via **Twitter**, criava suas charges e liberava seus trabalhos gratuitamente na Internet. “Eu costumo dizer que o **Twitter**, assim como a internet, é aquilo que você faz dele”, disse em uma entrevista



Reprodução

EMBORA A INTERNET NÃO SEJA A CAUSA PRIMÁRIA DESSES MOVIMENTOS, ELA É UM IMPORTANTE INSTRUMENTO PARA POTENCIALIZÁ-LOS

concedida ao portal Terra.

Ainda sobre os benefícios da rede na construção de movimentos revolucionários, o professor Machado destaca que a Internet tem o benefício de ser mais barata, por exemplo, ao não necessitar que uma ONG mantenha uma sede física. Mas ele pondera: “A relação que as pessoas têm na Internet, quando não amparadas na presença física, são frágeis, não encontra um sustento”.

Sobre esse aspecto, o jornalista americano Malcolm Gladwell escreveu um polêmico artigo na revista **The New Yorker** – com o sugestivo subtítulo “**A revolução não será tuitada**” –, iniciando um debate a respeito da relação entre as redes sociais e o ativismo político nos EUA, país onde o movimento “Occupy Wall Street” muito vem se alimentando do poder desses veículos para propagar e divulgar suas ações. Para Gladwell, “as plataformas dessas redes são construídas em torno de vínculos fracos”.

Ressalvas – Do mesmo modo que, em um jogo de futebol, uma falha da defesa pode resultar no contra-ataque, na Internet também os papéis também podem ser invertidos. Informações sobre movimentos que estão na rede também pode ser instrumento para uma contra-insurgência, como ocorreu na Líbia, onde autoridades marcaram um protesto pelo **Facebook** e prenderam 85 pessoas que compareceram ao evento.

Ainda é possível questionar sobre a restrição da participação da rede a uma elite. Na Tunísia, por exemplo, apenas 25% da população já tiveram algum contato com a Internet. No Egito, gira em

torno de 10%. Esses números caem drasticamente quando ilustram as pessoas que têm acesso regular à Internet banda-larga. O professor Machado avalia que esta pequena parcela da população é a mesma que forma opinião nestes países.

Nos últimos anos, o raio de influência de grandes empresas transnacionais vem crescendo substancialmente na Internet. Os espaços cibernéticos, inicialmente públicos, estão sendo colonizados por grandes corporações e esta nova relação espacial põe em perigo seu potencial emancipador.

A organização não-governamental **Wikileaks** é exemplo vital disso. O site, fundado pelo australiano Julian Assange, é notavelmente conhecido por divulgar documentos confidenciais de relevância pública, contribuindo para uma maior democratização e transparência de informações governamentais. Porém, após divulgação de centenas de documentos sobre a embaixada americana, várias empresas, como a PayPal, empresa que permite enviar dinheiro para qualquer pessoa com e-mail, bloquearam as transações financeiras da ONG, que se sustentava através de doações majoritariamente feitas pela Internet.

“A internet nasceu para ser um grande espaço público, de poder descentralizado. É perigoso concentrar seus recursos nas mãos das grandes corporações”, afirma o professor da EACH-USP. “E essas experiências com a Primavera Árabe e o bloqueio financeiro do **Wikileaks** só reforçam a necessidade de defender a liberdade na internet e o seu caráter público”.